**Universidade do Sul de Santa Catarina – Campus UnisulVirtual**

**Unidade de aprendizagem Virtual: Teoria do conhecimento**

**Transcrição acessível da web aula, unidade 1 vídeo 2, “Mito, Religião e Arte”, disponível no EVA.**

**Prof.** Carlos Euclides Marques

Parte 1 – Mito e Religião

Olá pessoal sou o professor Carlos Euclides Marques, os objetivos dessa webaula são: Caracterizar os tipos de conhecimento: Mito, Religião e Arte, apresentando, entre outros aspectos suas funções, apresentar algumas aproximações e diferenciações destes tipos de conhecimentos e dar dicas de leitura para a temática tipos de conhecimento, vamos lá? Vamos começar pela caracterização do mito e da religião. Primeiramente é importante indicar que a certas diferenças entre mito e religião, entretanto como mecanismos mentais cognitivos estes seguem basicamente o mesmo procedimento, e no geral tem funções similares. Cabe lembrar também que toda a religião se funda num ou mais mitos, nesta linha que Ernst Cassirer em seu ensaio sobre o homem indica que “não há qualquer diferença radical entre o pensamento mítico e o religioso. Ambos tem origem nos mesmos fenômenos fundamentais da vida humana. No desenvolvimento da cultura humana, não podemos fixar um ponto onde o mito acaba ou começa a religião. [...] Desde o início, o mito é religião em potencial”

(1994 p. 145-146). Bem, o mito e a religião surgem como muitos outros tipos de conhecimento, da necessidade do ser humano de dar sentido ao mundo, tudo aquilo que o cerca por vezes esta necessidade cria intuitivamente sentidos. Pense assim, os primórdios, estranhamento, admiração, espanto levaram o ser humano a construir narrativas que de certa forma explicassem ao mundo os fenômenos naturais e mesmo justificassem esta ou aquela forma de trabalho, de organização social entre outros aspectos. Ou seja, o mito e a religião tem funções. Para ajudar a entender estas funções, tomemos uma passagem do livro Convite a filosofia de Marilena Chauí que resumi algumas das ideias do antropólogo Levi Strauss. Funções do Mito: 1. Função explicativa: o presente é explicado por alguma ação passada cujos efeitos permaneceram no tempo. Por exemplo, uma constelação existe porque no passado crianças fugitivas e famintas morreram na floresta e foram levadas ao céu por uma deusa que as transformou em estrelas. As chuvas existem porque nos tempos passados uma deusa apaixonou-se por um humano e não podendo uniu -se a ele diretamente, uniu-se pela tristeza, fazendo de suas lagrimas caírem sobre o mundo etc. 2. Função organizativa: o mito organiza as relações sociais (de parentesco, de alianças, de trocas, de sexo, de idade, de poder, etc) de modo a legitimar e garantir a permanência de um sistema complexo de proibições e permissões. Por exemplo, o mito como édipo existe como narrativas diferentes em quase todas as sociedades selvagens e tem a função de garantir a proibição do incesto, sem a qual o sistema sociopolítico baseado nas leis de parentesco e de alianças não podem ser mantidos. 3. Função compensatória: o mito narra uma situação passada, que é a negação do presente e que serve tanto para compensar os humanos de alguma perda como para garanti-lhes que um erro do passado foi corrigido no presente, de modo a oferecer uma visão estabilizada e regularizada da natureza e da vida comunitária. Tudo isso vocês encontram essas funções na edição de 1996, páginas 161 a 162. No campo dos estudos sobre o mito e a religião. Não é muito difícil encontrarmos visões pejorativas que tomam esses tipos de conhecimento como ilusórios, primitivos, simples. Para tomarmos alguns termos utilizados no campo da filosofia, a muitos pensadores que veem a narrativa mítica no máximo como uma alegoria, entretanto, ao mesmo na antiga tradição grega a algumas passagens que apontam para outra visão sobre estas mentalidades mito e religião. No livro um de sua metafisica, Aristóteles diz “Ora, quem experimenta uma sensação de dúvida e de admiração reconhece que não sabe; e é por isso que também aquele que ama o mito é, de certo modo, filósofo: o mito em efeito é constituído por um conjunto de coisas admiráveis. De modo que os homens filosofaram para liberta-se da ignorância, é evidente que buscam o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade pratica”. Os filomitos, amigos dos mitos são filósofos de certa medida para os

Estagiritas, por terem sido os primeiros a construírem explicações para o mundo ou usando a terminologia aristotélica dão conta das causas primeiras das coisas. O que vemos nestas narrativas em grande parte é a divinização a sacralização dos fenômenos, sejam esses naturais ou culturais. Assim lembrando a passagem supracitada do texto de Marilena Chauí o livro Convite a Filosofia, a origem de uma constelação foi obra de uma dada divindade que se comoveu com uma condição de certos seres humanos, outro exemplo uma determinada forma de se fazer um artefato é mantida de geração a geração com todos os rituais que envolvem este fazer por razões sagradas, ou seja, porque num tempo remoto uma divindade presenteou um antepassado deste povo ou clã com uma técnica em questão. Desta forma, manter o que foi ensinado sem mudança, é manter um tempo passado, um tempo sagrado, um tempo de proximidade com a perfeição. Note seja está o sentido etimológico de religião como religar, mas contemporaneamente alguns estudiosos tem deixado de lado uma visão pejorativa em relação a mentalidade mítico religiosa, apontando para certa racionalidade desta mentalidade. Mas não se trata de uma razão analítica que desseca os fenômenos procurando regularidades fixas, leis universais que não se pautam por nossas emoções. Nesta perspectiva Cassirer esclarece “O verdadeiro substrato do mito não é um substrato de pensamento, mas de sentimento, o mito e a religião primitiva não são de maneira alguma inteiramente incoerente, não são vazios de sentido e razão sua coerência porem depende muito mais da unidade de pensamento que de regras logicas. Esta unidade de

Um dos impulsos mais fortes e mais profundos do pensamento primitivo, se o pensamento cientifico pretende descrever e explicar a realidade e forçado a usar seu método geral que o da classificação, da sistematização a vida é dividida em províncias separadas que são claramente distinguidas uma das outras. Os limites entre os reinos das plantas, animais, do homem, as diferenças entre espécies, famílias, gêneros são fundamentas e indeléveis. Mas a mente primitiva os ignora e rejeita, sua visão de vida é sintética e não analítica, a vida não é dividida por classe e subclasses é sentida como um todo continuo e interrupto que não admite distinções nítidas e claras. Os limites entre as diferentes esferas não são barreiras insuperáveis, são fluente e flutuantes não a qualquer diferença especifica entre os vários domínios da vida, nada tem uma força definitiva e invariável e estática por uma súbita metamorfose, tudo pode ser transformado em tudo e se existe algum aspecto característico destacado do mundo mítico qualquer lei que o governe é a lei da metamorfose. Mesmo assim dificilmente poderíamos explicar a instabilidade do mundo mítico, pela incapacidade do homem primitivo para aprender as diferenças empíricas das coisas. Quanto a isto o selvagem muitas vezes prova a sua superioridade em relação ao homem civilizado, é suscetível a muitos aspectos distintivos que escapam a nossa atenção. Os desenho e pinturas de animais que encontramos nos estágios mais baixos da cultura humana na arte paleolítica foram muitas vezes admirados por seu caráter naturalista, mostram um surpreendente conhecimento de todos os tipos de formas animais, toda a existência do homem primitivo depende em grande parte de seus dons de observação e discriminação. Se for um caçador deverá estar familiarizado com uns mínimos detalhes da vida animal, deverá ser capaz de distinguir as pistas de vários animais. Nada disso é condizente com a suposição de que a mente primitiva por sua própria natureza e essência indiferenciada ou confusa, uma mente pré-lógica ou mística”. É uma passagem da edição de 1994 das páginas 158 a 159.

Parte 2 – Passagem do mito a religião

Apesar de haver mais similaridades que diferenças entre mito e religião, há estudiosos que procuram entender como o mito se transformou em religião e consequentemente estabelece distinções entre estes. O debate é longo e passa por diferentes perspectivas, para alguns haverá uma religião estática e uma dinâmica, seria da faceta dinâmica que se passaria do mito as religiões institucionalizadas. Para outros foram os processos de divisão de trabalho que levaram a sistematização mais complexas e que levaram a passagem do mito a religião, outros ainda veem a relação com tabus muito fechados e o surgimento de certas subjetividades que teriam levado a ruptura com os tabus. Noções de divindades mais isoladas do convívio humano e separações entre as instituições religiosas, suas hierarquias clericais e a própria natureza. Uma tipologia das divindades que também pode dar uma luz a esta transição do mito a religião indica três grandes fases resumidas por Aranha e Martins, numa edição de 1993 na página 37 a 36. “Com base nas indicações de Ernst Cassirer, a primeira fase é caracterizada pela multiplicidade de deuses momentâneos, assim chamados porque não perduram além do momento, são simplesmente citações espontâneas, fugidias, as quais é atribuído o valor de divindade, e cuja fonte é a emoção subjetiva, marcada ainda pelo medo. Esses deuses não representam nem forças da natureza nem aspectos especiais da vida humana. As vezes trata-se de um conteúdo mental como alegria, a decisão, a inteligência, outras. De um objetivo ou de qualquer realidade percebida como tendo sida repentinamente enviada do céu. Na segunda fase há a descoberta do sentimento da individualidade, do divino, os elementos pessoais do sagrado, o surgimento desta nova etapa se dá a medida que a ação exercida pelo homem sobre o mundo se torna mais complexa, fazendo surgir a divisão do trabalho. Assim, toda a atividade humana particular ganha o seu deus funcional, que vigia cada etapa do trabalho dos homens, a regularização da atividade encontra sua medida na própria periodicidade dos ciclos naturais, as estações do ano, o plantio, a colheita, etc. E cada ato, por mais especializado que seja, adquire um significado religioso. O homem recorre às divindades que devem protegê-lo a cada momento. Ao mesmo tempo, o caráter existencial do mito conduz a prática de rituais mágicos e a fé na magia constitui o despertar da confiança do homem em si mesmo. Ele não se sente mais à mercê das forças naturais e sobrenaturais e desempenha o seu papel convicto de que o que acontece no mundo natural depende em parte dos atos humanos. Convém lembrar aqui que a magia tanto pode ser usada para o bem como para o mal, uma vez que não se encontra ligada a princípios éticos. A terceira fase caracteriza-se pelo aparecimento do deus pessoal. Ele é fruto do processo histórico que inclui o desenvolvimento linguístico e aparece quando o nome do deus funcional, derivado do círculo de atividade especial que lhe deu origem, perde a ligação com essa atividade e torna-se um nome próprio, construindo um novo ser que continua a se desenvolver segundo suas próprias leis. O deus pessoal caracteriza-se por ser capaz de sofrer e agir como os homens. Ele atua de maneiras diversas e seus múltiplos nomes expressam diferentes aspectos de sua natureza, seu poder e sua eficiência. Como desenvolvimento da terceira fase, surgem as religiões monoteístas, recorrentes de forças morais e que se concentram no problema do bem e do mal. A natureza passa a ser abordada pelo lado racional e não mais pelo emocional, como acontecia nas fases anteriores. O divino deixa também de ser concebido pelos poderes mágicos e passa a ser enfocado pelo poder de justiça”. Aqui vai uma citação do Cassirer que as autoras utilizam: “O sentido ético substituiu e suplantou o sentido mágico. A vida inteira do homem se converte numa luta constante pelo amor”. Essa é, como eu disse, uma citação do livre de Cassirer, o livro “Ensaio sobre o homem”. E continua a autora: “E pelo exercício do livre arbítrio, agora que o homem entra em contato com o sagrado ao dar sua livre adesão ao bem, torna-se um aliado da divindade, praticando o dever religioso.” Então, termina a citação das autoras Aranha e Martins. O que tomamos, mais propriamente como religião, está principalmente na terceira fase. Bem, o que foi dito até o momento é suficiente para termos uma noção introdutória das características e funções do mito e da religião. Vejamos agora isto no contexto da arte.

Parte 3 – Contexto da Arte

Como em sua origem o mito se manifesta nos rituais, nas narrativas por meio das artes, a dança, a música, a poesia, a pintura, a escultura e a arquitetura, faz sentido após apresentar o mito, apresentar a arte como forma de conhecimento. Mesmo assim, é bom deixar claro que a partir de certo momento da história a arte adquiriu autonomia, isto quer dizer que ela passa não mais a estar a serviço do mito e da religião. Hoje em dia, provavelmente vemos a arte como uma forma de deleite, entretanto, a intuição criativa de um artista procura revelar um sentimento em relação ao mundo ou a uma faceta deste, neste sentido a arte cria formas diferenciadas de perceber o mundo, como também, cria mundos. Assim como o mito, a arte tem suas funções. Vejamos a função pragmática, quando ela é utilizada para algum fim que não propriamente artístico. Por exemplo, se eu uso como artifício pedagógico ou como recurso de propaganda política, ou como recurso de terapia ocupacional, entre outras. Essa daí é uma das facetas que mais liga arte, mito e religião. No fundo, boa parte do que estudamos como história da arte, no contexto histórico em que estava, era vista a arte e suas manifestações, como uma manifestação do sagrado, como uma hierofania, ou como um meio para a revelação do sagrado. Muitas culturas tribais veem na dança e na música uma forma ritualística de conversar com as divindades. O teatro nasceu na Grécia Antiga, segundo alguns, como um ritual relacionado ao culto ao bode, animal relacionado à Dionísio. Esse é um exemplo de algo que passou de uma função mítico-religiosa, pragmática, para uma função sociopolítica, pragmática. Alguns estudiosos veem na tragédia grega esta função cívica, em nossa história contemporânea encontramos diversos exemplos de uso do cinema como forma de propagação de ideias políticas, e isto se dá tanto no campo das ideologias de direita quanto nas de esquerda. Quando a psicologia usa da arte como uma forma de tratamento, temos a função pragmática. Uma outra função é a função naturalista, e funciona como quando o artista pretende reproduzir a natureza, copia o que vê. Isso é a função naturalista. Uma boa parte da arte, ainda hoje, é naturalista. Neste tipo de arte o espectador identifica o que é representado com algo da natureza, uma pessoa, uma paisagem, um objeto, esta tem um caráter icônico, ou seja, se expressa por uma relação de semelhança a algo. Uma terceira função é a função formalista. Esta é inerente à arte, é quando a arte, independentemente de sua utilidade ou finalidade, se preocupa não mais com a relação de semelhança com a natureza, mas com a forma, a cor, a luz, o traço, o gesto, a expressão, entre outros aspectos típicos da arte. A arte abstrata talvez seja o melhor exemplo disto, entretanto isso não quer dizer que apenas na arte abstrata existe isto. Mesmo na arte que ainda tenha certo teor naturalista, preocupações com a forma, o posicionamento dos elementos da composição, o corpo, o gesto, a sequência das notas musicais, são aspectos da função formalista que é predominantemente, a função estética da arte. No mundo de hoje, para muitos, a arte é só deleite. Um passatempo, ou uma perda de tempo. Ainda assim, há quem seja tocado por uma música, uma cena de um filme, uma passagem de um romance, a gestualidade de um corpo em movimento, a harmonia das cores numa tela, as proporções numa edificação. Este “ser tocado por” pode levar o indivíduo a ver realidades ou possibilidades da realidade que ele não tenha visto antes, como também pode produzir nele uma reflexão sobre a condição humana, a sua e a do outro. Pode, ainda, amenizar ou reforçar suas angústias, produzindo sentimentos variados, assim, a arte revela o que somos e o que podemos ser. Como escrevemos outrora em um parágrafo final, “é preciso construir um sentido para o mundo, para a vida, para uma nova harmonia, talvez a arte possa mostrar novas possibilidades, pelo menos provocar uma atitude de parada diante da banalidade dos fatos, para que possamos refletir o mundo em nossa volta. É certo que aquela catarse revolucionária não é possível, pois a arte, por si só, não faz revoluções. Apenas mostra anseios ou pretensões. A revolução se dá no agir, no engajar-se em algo, mas a arte pode ser um meio inspirador, algo que mostre outras possibilidades de organização do mundo. Colocar possibilidades diante de um indivíduo não significa necessariamente que ele as seguirá. Contudo, o total desconhecimento dessas possibilidades limita seus horizontes. Escolhas implicam em liberdade. Liberdade, em responsabilidade. E aqui, está uma finalidade para a arte: mostrar possibilidades” de um texto meu, Carlos Euclides Marques que escrevi em 1996.

Parte 4 – Dicas

O que foi dito até o momento, reforço, é apenas um apontar para, uma breve introdução às temáticas relacionadas aos tipos de conhecimento. Em particular, nesta web-aula, ao mito, à religião e à arte. Para que você avance um pouco mais no estudo dessas temáticas, eis algumas recomendações de leitura. Se você está começando parta da leitura da Unidade “O mundo da prática”, os capítulos “A experiência do sagrado”, “A instituição da religião” e “Universo das Artes”, do livro “Convite à Filosofia”, de Marilena Chauí. Outra dica é do livro “Filosofando”, das autoras Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Helena Pires Martins, a unidade de conhecimento com o tópico “Consciência mítica” e da unidade estética, ainda numa linha introdutória, temos os volumes da coleção “Primeiros passos”. “O que é mito”, “O que é religião”, “O que é tabu”, “O que é arte”, “O que é filosofia”, “O que é ciência”. Nestas leituras você pode encontrar outras recomendações bibliográficas para aprofundamento. Agora, se você pretende aprofundar os estudos, faça a leitura do livro de Mircea Eliade, “Mito e Religião” ou do mesmo autor tratado de história das religiões, e dos capítulos “Mito e religião”, “Arte e ciência” do livro de Ernst Cassirer “Ensaio sobre o Homem”, citado algumas vezes aqui nessa web-aula. Esta última é uma leitura bem mais aprofundada. Bom, finalizando essa web-aula, é importante reforçar que mito, religião e arte são, assim como senso-comum, filosofia e a ciência, tipos de conhecimento, e que esses tipos de conhecimento têm semelhanças e diferenças, e dão conta das necessidades do ser humano de dar sentido para o mundo e para sua própria existência. Desta forma, não devemos menosprezar este ou aquele tipo de conhecimento em detrimento de outro. Melhor será se entendermos como cada um deles funciona. Espero que com esta web-aula, alguma luz nesta linha de pensamento tenha sido dada, propiciando um começo de reflexão de sua parte, estudante. Até mais.

Créditos

Conteudista: Carlos Euclides Marques

Designer instrucional: Carmelita Schulze

Coord. Multimídia: Arthur Silveira

Câmera: Arthur Silveira

Editor: Fernando Santos

Ano de produção: 2016

Nenhuma parte deste vídeo pode ser reproduzida por qualquer meio sem prévia autorização